

**AS RELAÇÕES LÍQUIDAS CONTEMPORÂNEAS EM BAUMAN E FRANKL: UMA
DISCUSSÃO SOBRE MODERNIDADE E FALTA DE SENTIDO**

**CONTEMPORARY NET RELATIONS IN BAUMAN AND FRANKL: A
DISCUSSION OF MODERNITY AND LACK OF MEANING**

Fernanda Siqueira Reis¹

Gabriela Franco de Almeida²

Resumo

Este artigo apresenta as relações frágeis e a ausência de sentido na sociedade contemporânea, baseadas na modernidade líquida, obra de Zygmunt Bauman. O objetivo deste trabalho é discutir as implicações da modernidade líquida na vida humana contemporânea e suas implicações no sentido da vida, obra de Viktor Frankl. Apresentaremos brevemente os autores e suas teorias e, em seguida, os conceitos de modernidade e relações líquidas para, por fim, realizar uma conversa entre liquidez e falta de sentido. O presente artigo trata-se de um estudo de revisão bibliográfica.

Palavras chave: Modernidade; relações; liquidez; falta de sentido.

Abstract

This article presents the fragile relations and the absence of meaning in contemporary society, based on liquid modernity, the work of Zygmunt Bauman. The aim of this work is to discuss the implications of modern modernity in contemporary human life and its implications for the life of Viktor Frankl. From the theories of Bauman and Frankl we will briefly present the authors and their theories and then the concepts of liquid modernity and relations, finally a conversation between liquidity and lack of meaning. This article is about a literature review of literature review.

Keywords: Modernity; relations; liquidity; lack of meaning.

1 – Graduanda em Psicologia pela UEMG-Ituiutaba.

2- Professora de Psicologia da UEMG-Ituiutaba

Introdução

“A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, menos que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas de felicidade”
(Bauman, 2009: 31-32).

Em meio a tantas incertezas, consumismo, desejo pela liberdade, fragilidade, angústias e ausência de sentido, Zygmunt Bauman e Viktor Frankl são os autores de estudo central deste trabalho para nos ajudar a esclarecer a forma como temos vivido na contemporaneidade. A escolha desses dois autores se deve à afinidade possível de ideias, como o conceito de modernidade líquida em Bauman e a questão da ausência de sentido em Frankl.

Zygmunt Bauman sociólogo. Nasceu na Polônia em 1925, foi militante do Partido Comunista e professor na Universidade de Varsóvia. Filho de judeus, ele foi expulso da Polônia em 1968 por causa do crescente antissemitismo do Leste Europeu. Emigrou para Israel e se instalou na Inglaterra, onde desenvolveu a maior parte de sua carreira. Falecido em Janeiro de 2017, aos 91 anos, Zygmunt Bauman é considerado um dos pensadores mais importantes e populares do fim do século XX. Bauman seguia e estudava a linha da chamada “sociologia humanística” com enfoque na condição humana, criando a expressão “modernidade líquida” e se dedicando ao estudo das relações de consumo, bem como ao estudo da ética e dos valores humanos. A escolha de Bauman neste trabalho também se associa ao seu falecimento neste ano e à importância de se retomar sua obra e suas contribuições, assim o homenageando. (<http://www.zahar.com.br/autor/zygmunt-bauman>, recuperado em 27 de setembro de 2017)

Viktor Emil Frankl foi médico, psiquiatra e psicólogo sua grande contribuição à psicologia foi se dedicar à questão do sentido da vida, especialmente a partir da sua experiência como sobrevivente de campos de concentração nazista e introduzindo conceitos como transcendência e espiritualidade na discussão da prática clínica. Está aqui um ponto comum entre os dois autores: ambos são de tradição judaica. Descendente direto de judeus, Frankl nasceu em Viena em 1905, na Áustria e faleceu em setembro de 1997, aos 92 anos de idade. No que diz respeito à sua perspectiva teórica, Frankl pode ser classificado como humanista-existencialista. Diferentemente de muitos dos pensadores do existencialismo, não era pessimista, cético e antirreligioso. Tinha uma visão mais otimista e esperançosa sobre a

capacidade humana, no modo de superar adversidades e imposições da vida moderna (Rodrigues & Barros, 2009).

Atualmente percebe-se que na sociedade contemporânea, emergem o individualismo, a fluidez e a efemeridade das relações. Portanto, Bauman (2001) afirma que vivemos em tempos líquidos, isto é, nada foi feito para durar. Para Bauman, a época atual é propícia para colocar a modernidade em avaliação. É um tempo de reflexão na qual a credibilidade e a validade das conquistas e falhas modernas podem ser debatidas, descartadas, revalidadas. Sendo assim, a sociedade afundada em problemas econômicos, de produtividade e consumismo, vem perdendo cada vez mais o "sentido" da vida. “Falta uma visão antropológica que permita enfrentar os problemas relativos à existência humana de um ponto de vista mais global, que leve em conta aquilo que o homem é antes ainda daquilo que o homem deve fazer” (Matos, 2012, p.75). Portanto, Matos (2012) esclarece que, o que impulsiona o homem não é nem a vontade de poder (como aponta Adler), nem a vontade de prazer (como em Freud), mas sim o que Frankl chama de vontade de sentido (Frankl, 1984).

No decorrer do trabalho apresentaremos o conceito de modernidade líquida, bem como fazemos um apontamento para as relações frágeis, para, por fim, se estabelecer uma conversa entre liquidez e falta de sentido.

Modernidade Líquida

Bauman (2001) dedicou-se ao estudo das características da modernidade e da pós-modernidade, classificou a modernidade como, líquida. Essa liquidez não seria uma escolha e, sim, um estado social. A classificação “líquida” é atribuída em função das seguintes marcas da modernidade: volatilidades, incertezas, inseguranças, liberdade, felicidade e consumismo. Nesta perspectiva, entendemos que a liquidez é além do frágil; refere-se à dificuldade em firmar laços profundos e a dificuldade de se identificar.

Remetendo às dificuldades em firmar laços profundos, a relação líquida não é uma escolha entre ambas as partes, é uma escolha pela dificuldade em firmar laços profundos. Emerge um conjunto de instituições, regras, lutas e sistemas simbólicos, político e econômicos definido em uma estrutura social particular. Para Bauman, a liquidez é constitutiva. O sujeito se constitui de diversas relações formadas por regras, modos de pensar, agir e sentir.

“A arte da vida na versão líquida da modernidade desincumbe o indivíduo de se identificar. Ele pega o que desejar e achar necessário e segue em frente. A potência de se

transformar num pessoa diferente torna-se uma obrigação” (Fragoso, 2011, p. 115). Bauman (2009) diz que a identidade não possui mais raízes, o seu procedimento principal é agora a ancoragem. A âncora é mais versátil do que a raiz, pois não existe nenhum comprometimento e lealdade. Basta apenas içá-la e partir para outro porto.

A modernidade líquida é o momento em que os referenciais mudam tais como, referenciais de valores de afetos, vínculos, morais, familiares e religiosos. Assim desenraizamos o velho e enraizamos o novo, colocando outro foco nas relações. É nesta época que toda a fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada por Bauman como modernidades sólidas, são retiradas do palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. Marx diz “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Segundo Fragoso (2011), os sólidos que se derretiam eram ressignificados e reinseridos, depurados de seus antigos elementos de superstição e irracionalidades, na nova ordem social moderna. Com isso, a modernidade pode ser classificada como um processo de destruição criativa que desenraizava o velho para reenraizá-lo de outra forma.

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (Bauman, 2001, p. 12).

Dizemos que esses referenciais citados acima são as nossas classes, a religião, a família, a nacionalidade, a ideologia política. Todos eles foram prejudicados por uma crescente tendência ao consumo, transformando as relações sociais em mercadoria e com isso criando a ilusão da felicidade consumidora. “Marcas e grifes são palavras de uma linguagem de reconhecimento” (Bauman, 2009, p. 21). Essas são as principais preocupações para os buscadores da felicidade na época líquido-moderna. A finalidade de manter a busca da felicidade conectada ao consumo de mercadorias é tornar essa busca inacabável e a felicidade sempre inalcançada.

[...] Se não se pode chegar a um estado de felicidade duradouro, então a solução é continuar comprando, com a esperança de que a próxima linha de produtos super fáceis de usar ou a nova tendência outono-inverno redima os incansáveis buscadores de felicidade. A grande cartada dos mercados foi transformar o sonho da felicidade de uma vida plena e satisfatória em uma busca incessante de “meios” para se chegar a isso (Fragoso, 2011, p. 112).

Como consequência do consumismo, o sujeito que não consegue se adequar no “alto” padrão de consumo pré- estabelecido pela sociedade, que é a ideologia consumista baseada em uma idéia ilusória de felicidade material, se torna excluído do mesmo. Bittencourt (2011) diz que o consumismo pode ser entendido como a ação de comprar bens materiais ou produtos irrelevantes, por manipulação de influências externas que induz a acreditar que o ato de adquirir determinados produtos irá gerar bem-estar. Bittencourt (2011) também afirma que o homem é imerso em uma espécie de vício, em que o consumo compulsivo busca em uma tentativa falha, compensar existencialmente uma felicidade em seu trabalho e relacionamentos afetivos.

Portanto, na modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitam construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão. Para Bauman (2001), entende-se isso como a era da comparabilidade universal, onde os indivíduos não possuem mais lugares pré-estabelecidos no mundo onde poderiam se situar, mas devem lutar livremente por sua própria conta e risco para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente.

Segundo Frago (2011), o aspecto funcional dessa identidade fabricada e portátil é que ela pode ser descartada no momento em que se tornar inconveniente. Quando o sujeito não estiver mais feliz com o seu “eu”, ele pode descartá-lo e adquirir um novo *self* no mercado dos produtos de estilo. Isso se torna mais fácil para uma felicidade continuamente buscada, pois, assim a sociedade entende que o mercado pode fabricar identidades distintas, logo, poderão ser compradas quando for necessário trocá-las. Relacionando esse mundo de ilusões de felicidade, remetemos à famosa frase de Viktor Frankl, “a felicidade não se busca, acontece”, portanto os bens necessários a uma vida feliz não podem ser comprados com dinheiro, logo, a felicidade não pode ser comprada.

Na modernidade líquida Bauman cita também as conexões, que são relações frágeis. A conexão envolve a noção de que, não se tem vantagem em estar em várias conexões, mas sim em conseguir desconectar dessas desconexões sem grandes perdas ou custos. A relação frágil tem como intenção transformar os humanos em mercadorias que podem ser consumidas e jogadas no lixo a qualquer momento, ou seja, os humanos podem ser excluídos a qualquer momento. O sujeito líquido lida com um mundo de consumo e opções, mais esse mundo nunca é objetivo, ele ainda causa frustrações e insegurança, portanto, isso denomina uma conexão frágil.

Portanto, agrupando as definições de *modernidade líquida*, percebemos e identificamos como a sociedade está agindo de maneira impulsiva e preocupante em nossas relações sociais fazendo com que o ser humano seja um ser totalmente descartável. A sociedade por sua vez, não está mais conseguindo consolidar as próprias relações, porque a pressa tornou-se realmente, inimiga da perfeição, ocasionando o fato de produzirmos erroneamente e como consequência termos resultados negativa.

Dando continuidade a base da liquidez Bauman (2001), tudo escorre, vaza e esvazia. Fazendo uma relação com os comportamentos atuais, vemos que as relações estão sendo instantes. Não há mais disposição para manter e consolidar porque queremos que o tempo nos obedeça a ferro e fogo. Não se tem mais paciência para investir em nada, não há mais tempo para planos e projeto. O “agora” tornou-se um grande aliado para essa atual época, onde tudo deve ser imediato e preciso. Então, afirmamos que a liquidez, é a base para todas as escolhas, é o fundamento prático das ações. Sendo assim, Bauman diz:

As habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido-moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente, à engenhosidade e destreza de um prestidigitador. A prática de tais habilidades tem sido colocada ao alcance de um consumidor comum, mediano, pelo expediente do simulacro – fenômeno (na memorável descrição Jean Baudrillard) similar às doenças psicossomáticas, conhecidas por eliminarem a distinção entre “as coisas tal como são” e “as coisas como aparentam ser”, entre “realidade” e “ilusão”, ou entre o “verdadeiro estado” das coisas e sua simulação. O que antes era visto e sofrido como uma labuta interminável exigindo mobilização ininterrupta e um oneroso escoamento de todos os recursos “interiores”, agora pode ser alcançada com a ajuda de substitutos e engenhocas compráveis por uma módica soma em dinheiro – embora, evidentemente, a atratividade de uma identidade composta de adornos comprados cresça proporcionalmente à quantidade de dinheiro despendida (Bauman, 2009, p. 22-23).

Relações

“Estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo”.

Zygmunt Bauman

Fragilidade é a palavra chave para nomear as atuais relações, sejam elas em qualquer contexto. No mundo contemporâneo/moderno os laços não são mais almejados, prazerosos, conquistados ou até mesmo feitos. Os laços atuais são “criados” para que possam ser diluídos diante de qualquer conflito ou qualquer desculpa. A durabilidade, que na verdade não dura, é

um tempo determinado para que haja um final, sempre sendo um final mais próximo do que o esperado.

A modernidade, classificada para Bauman como “líquida”, chegou de forma muito forte na sociedade fazendo com que todos a aderissem. Olhando para trás, Bauman (2001) afirma que antes os vínculos eram mais sólidos e mais fortes, porém agora a sociedade mergulha em relações líquidas que, cedo ou tarde, vão se perder no tempo. “Os comportamentos e hábitos estão profundamente reformulados diante deste novo contexto. Sendo assim, impactos sobre a subjetividade são inevitáveis” (Lima 2015, p.14). O mergulho da sociedade nessa liquidez é tão profundo e “traíçoeiro” que mesmo não querendo e não identificando com esse tipo de relação, a sociedade se empurra para experimentá-la, de forma direta ou indireta.

Bauman (2001) afirma que nossa sociedade muda de uma maneira muito rápida. Portanto, exige que sejamos flexíveis para nos adaptarmos e nos “acostumarmos” a essas transformações. Toda essa vivência no mundo da liquidez faz com que desenvolvamos uma “identidade líquida” que se endurecerá no exterior, ou seja, se vestirá com uma armadura. Assim, aparentemente, será sólida e forte, mas por dentro a pessoa será frágil, fraca e estará desgarrada.

As pessoas mergulhadas nas relações líquidas, não podem planejar sua vida em longo prazo, já que a inconstância é uma marca da modernidade; sabem que tudo depende de apenas um estalar de dedos para acabar. O “estalar” seria o que Bauman chama de conexões. Para Bauman (2001), as relações sociais são substituídas por outro tipo de relação: a *conexão*. A relação de conexão tomou o lugar da relação de laços humanos, laços feitos em comunidade, ou seja, laços construídos com solidez, olho no olho, frente a frente.

“Os novos tempos, dominados pela tecnologia e pela *internet*, têm inquietado a todos. Muito se tem falado sobre os impactos negativos da rede e também sobre seu alcance, suas infinitas possibilidades” (Lima, 2015, p. 14). Segundo Bauman, o que difere as relações humanas das relações de conexões são as redes. Nas redes se tem a chance de conectar e tem também o melhor poder, que é desconectar. Por isso Bauman classifica como conexões, e não relações. É muito fácil você criar um laço hoje e por qualquer “conflito” se desconectar dele, fazendo uma diluição. Baseando nas redes sociais, Bauman (2001) compara e diz, “é fácil conectar, fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de desconectar”.

Segundo Bauman, quando a qualidade das relações é reduzida, a tendência é que se tente compensar essa falta com uma quantidade absurda de parceiros. O melhor exemplo disso é a

quantidade de amigos que as pessoas costumam ter nas redes sociais. São números que ultrapassam 1.000 ou 2.000, chegando até a 5.000 “amigos” por perfil no *Facebook*, algo obviamente impossível de manter em convivência no mundo real.

A virtualidade, no tempo presente, é um recurso muito utilizado de mediação de interação. As “curtidas”, recurso utilizado tanto no *Instagram* quanto no *Facebook*, por exemplo, são utilizadas para demonstrar que o usuário gostou de algo e passaram a ter um lugar de destaque, elevando as pessoas, funcionando como um medidor de popularidade e de aceitação, implicando em como os outros são vistos e em como se auto percebem. A expressão “mendigos de *likes*” foi criada para designar pessoas, especialmente adolescentes, que tem dependência quanto à quantidade de seguidores e de curtidas em suas postagens. Foi criado, inclusive, um comércio de fotos e de perfil *fake*, em que a pessoa cria ou posta algo que não é seu, mas se apropriando disso porque é algo entendido como legal diante dos outros e mobilizador de curtidas. Além disso, as próprias curtidas já podem ser compradas.

O sujeito que mendiga likes vive num tempo e habita um espaço específico. Esse tempo foi chamado nesta pesquisa de contemporâneo. Cada época tem sua contemporaneidade. Dessa forma, para compreender a dinâmica desses novos mendigos, é necessário pensar sobre as peculiaridades da contemporaneidade própria do nosso tempo. A internet é uma das maiores novidades deste tempo e o Facebook, mais especificamente, é a casa dos sujeitos desta pesquisa. Assim, é importante entendermos também as especificidades desta nova mídia (Lima, 2015, p. 37).

A sociedade está cada vez mais vazia, ou seja, como diz Bauman, achando estar cheios de amigos *on-line*, mas na verdade estão em conexões *off-line*. Esse vazio faz com que a sociedade entre em um espírito de substituição e medo da solidão, pois, antes de entrarem na busca por conexões já sabem o roteiro do final que é, se uma pessoa/conexão se vai, pode ser substituída por outra sem nenhum problema. Para Bauman (2007), a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.

Com tudo isso, podemos dizer que mais que relações, o que se estabelecem são “conexões” com outras pessoas. Realmente não há entrega de sentimentos e nem de confiança, pois se sabe que essa relação vai ter seu final cedo ou tarde. Lima (2015) diz, por isso, os valores aprendidos e a experiência acumulada já não servem, é preciso abandonar tudo e recomeçar constantemente para acompanhar as mudanças que são extremamente rápidas em todas as esferas da vida. As ligações são frouxas e ligeiras, pessoas, oportunidades e situações surgem e se vão rapidamente. Assim as pessoas tomam um tom de descartabilidade: são usadas para um fim, como diria Buber (2001), nas relações Eu-Isso, ou seja, as pessoas são coisificadas.

Quando se fala Eu-Isso, trata-se do mundo da experiência, do conhecimento, é o distanciamento do Tu, pois, quando se apropria de algo para a constituição de saberes, o Eu não se faz presente em uma relação, mas, em uma experimentação. Todavia, Buber esclarece que a palavra-princípio Eu-Isso não é de toda ruim, já que o homem precisa proferir ela para conhecer o mundo, porém, torna-se um mal ao se deixar viver só pelo Isso (Oliveira,2016, p. 211).

Quanto aos relacionamentos afetivos, acostumados com esse mundo onde se “compra a felicidade”, logo, caracterizado como um mundo “fácil”, a sociedade passa cada vez mais a buscar relacionamentos líquidos. Bauman (2004) mostra a insegurança desses tempos modernos, no qual, passam rapidamente a conceber e descartar os relacionamentos em que fazem parte, desvalorizando totalmente os vínculos criados, as emoções, os sentimentos e as trocas que estabeleceram, não experimentando na sua essência afeto pela outra pessoa. Assim, as pessoas passam a ver os relacionamentos conforme essa ideologia de consumo (Bauman,2004).

Esse modo de relacionamentos, além de causar uma não interação com o outro, ainda passa a desconsiderar a realidade em que está inserido. Buber (2001) deixa claro que a palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser em sua totalidade, visto que, ao falar de Eu-Tu, diz-se respeito ao mundo da relação, trata-se de uma relação que é imediata, onde se há uma reciprocidade e uma dialogicidade. A palavra-princípio Eu-Tu é um ato essencial do homem, um encontro entre parceiros é o contemplar do “face-a-face”. Partindo desse pensamento, pode-se considerar que, como já dito, a sociedade está vivendo no mundo do Eu-isso, e com isso está perdendo a sua essência de ser no mundo, sua autenticidade.

Enfim, podemos afirmar que a sociedade contemporânea está transbordada de sujeitos com vida de ausência de sentido e carregada de angústias. Bauman diz, vivemos um tempo de secreta angústia. Filosoficamente a angústia é o sentimento do nada, do ser-para-morte. O corpo se inquieta e a alma sufoca. Há uma vertigem permeando as relações, tudo se torna vacilante, tudo pode ser deletado: o amor e os amigos.

Frankl e Bauman: Uma Conversa Possível

Agora, mais propriamente, passaremos a correlacionar as idéias de Frankl e Bauman. Como mencionado, Frankl é um autor humanista-existencialista, que escreve principalmente após a Segunda Guerra Mundial até a década de 90, quando morre. Frankl não acompanhou o processo da criação das redes sociais, por exemplo, mas escreveu, também, sobre o homem moderno. Muito especialmente, Frankl estava preocupado e escreve sobre a busca do homem

por sentido e sobre a necessidade da transcendência, isto é, sobre a busca do homem por algo que transcenda os limites do material.

“Será que realmente o homem contemporâneo está encontrando a felicidade tão almejada?” (Matos, 2012, p. 73). A sociedade está passando por várias mudanças que estão sendo refletidas no campo psicológico dos humanos, essas mudanças geram ausência de subjetividade, alienação, desorientação e perda de sentido. As pessoas, ao mesmo tempo em que são vítimas do processo de alienação, constroem tal processo, vivendo na virtualidade e colocando-se num consumismo desenfreado, onde buscam a felicidade. Frankl (2012), porém, defende que existe uma necessidade que transcende os limites do material e que, com o consumismo e virtualidade, não há como ser suprida: ele está falando da vontade de sentido e significado na vida.

A vontade de sentido precisar ser seguida por uma realização de sentido, a qual tem como consequência a felicidade. Portanto, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral...

Nesse contexto, as noções de "felicidade", de "prazer" ou de "poder", como objetos da busca última do homem, são negadas. E essa busca patológica de uma felicidade incondicional foi denominada por Frankl como "princípio autoanulativo", segundo o qual quanto mais o homem persegue uma ideia acabada de felicidade, prazer ou sucesso, em detrimento da realização de sentido, mais ele se distanciará desse objetivo (Matos, 2012, p. 76).

Para Frankl, não se deve buscar a felicidade, pois à medida que houver uma razão para ela, então ela decorrerá espontânea e automaticamente. Assim, a "autorealização, se transformada num fim em si mesmo, contradiz o caráter autotranscendente da existência humana" (Frankl, 1988, p. 38)

Ao falar de sentido, fazemos referência à busca de propósito e finalidade. Se a atual sociedade vive em uma incansável busca da felicidade se perdendo no significado de sentido a vida, certamente, logo, ela não é feliz. Como consequência da não felicidade o vazio existencial começa a habitar no sujeito, causando um sofrimento e uma frustração existencial, que Frankl refere como sendo uma sintomatologia neurótica que ele denomina noogênica. “A neurose noogênica surge de problemas existenciais e contrasta das neuroses psicogênicas que se originam na dimensão psicológica” (Matos, 2012, p. 76).

Mesmo as vidas das pessoas mais felizes (ou, segundo a opinião comum e um tanto contaminada pela inveja dos infelizes, as mais sortudas) estão longe de 86 serem livres de problemas. Pouco de nós estão prontos a declarar que tudo na vida funciona como gostaríamos que funcionasse – e até esses poucos têm momentos de dúvida (Bauman, 2007, p. 99).

Um dos problemas da modernidade, para os dois autores, é justamente a negação do sofrimento e a busca desenfreada por prazer e felicidade. As pessoas parecem presas à busca de felicidade, patologizando o sofrimento. O sofrimento, na perspectiva dos autores, faz parte da realidade humana (Bauman, 2007; Frankl, 1984).

“A modernidade líquida contempla em seu arcabouço uma série de conflitos, divergências e questões que estão no cerne das angústias contemporâneas” (Souza, 2012, p. 82). Segundo (Dantas et al., 2009) o encobrimento do sentido e da origem da angústia, seu esquecimento, no modo de ser mediano da cotidianidade, não é casual. Faz parte da própria estrutura desta sociedade fugir ao desconforto da angústia, mergulhando no mundo impessoal das ocupações, do falatório, da curiosidade, da ambigüidade, vive uma vida inautêntica buscando preencher seu vazio na banalidade da vida cotidiana. A impessoalidade torna a vida mais segura e monótona. Portanto, fazer o que os outros fazem gera um sentimento de vida mais fácil, e é por isso que cada vez mais a sociedade preenche seu vazio em “divertimentos” e consumo.

Conclusão

Com base na citação de Matos (2012) onde ele pergunta se o homem contemporâneo está encontrando a felicidade tão almejada, encontramos a resposta em uma fala de Bauman escrita no Livro “A arte da vida”. Segundo Bauman (2009), a vida é uma obra de arte que muda constantemente, se atualiza e ganha novos significados. Portanto, o sujeito, por sua vez, na tentativa de criar uma arte satisfatória, revela sua incessante busca pela felicidade.

“Praticar a arte da vida, fazer da sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então” (Bauman, 2009, p.99). Para que o sujeito possa fazer da sua existência uma obra de arte, ele precisa ter equilíbrio para manusear suas conquistas, trajetórias e planos, pois a onda da liquidez submete o artista da vida e o impulsiona para o vazio ou a angústia do nada, tornando-se sem lugar, sem identidade e sem a segurança de saber o que lhe reserva o futuro. Quando o sujeito começa a fazer da sua existência uma obra de arte, ele encontra caminhos para novas formas de viver, de ser, de estar e de se apropriar do mundo, ou seja, encontra formas de lidar com as frustrações obtidas pelo o que não foi possível comprar (felicidade) e assim agora começar a experienciar rupturas e construir enfrentamentos.

Portanto, quando o sujeito começa a enxergar a sua existência, ele começa a entrar em contato com suas dificuldades externas e desconfortos internos, logo, ele encontra o sentido da vida. É aí que Frankl (2012) dá a importância de um homem ao encontrar o sentido de sua existência e de nele acordar, enfim, o desejo dormente do sentido. Frankl (1984) em sua teoria diz que uma pessoa pode achar um sentido, ou um propósito para sua vida em três formas, que são, criando um trabalho ou realizando um feito notável, experimentando um valor ou amor e através do sofrimento.

Assim, ao analisarmos os caminhos pela busca da felicidade no mundo da liquidez, conclui-se com base na teoria de Viktor Frankl que a felicidade não deve ser buscada. Frankl (2012) diz que a felicidade não pode ser buscada diretamente, ela deve seguir-se a algo realizado e cujo fim não era a felicidade. Dessa forma, a felicidade, tão sonhada, não seria propriamente um resultado, mas se daria no próprio processo. Para Frankl, então, a saída para a fragilidade e liquidez é o reconhecimento de sentido da vida, que se dá pela transcendência, pela abertura ao não material e pelo entendimento de que a felicidade não é um fim, mas um caminho.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2009). *Arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bittencourt, R. N. (2011). Os dispositivos existenciais do consumismo. *Revista Espaço Acadêmico*, (118), 103-113.
- Buber, M. (2001). *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 170 p.
- Dantas, J. B., Sá, R. N., Carreiro, T. C. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 2.
- Fragoso, T. O. (2011). Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. *Revista Perspectivas Sociais*, Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 109-124.
- Frankl, V. E. (1984) *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Estados Unidos.
- Frankl, V. E. (1988). *The will to meaning*. New York: Meridian Books. (Trechos neste trabalho traduzidos por Ivo Studart Pereira)
- Frankl, V. E. (2012) *O homem em busca de um sentido*. Lua de papel.
- Lima, L. V. (2015). *Os mendigos de likes*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG.
- Matos, D. C. (2012). Felicidade E Sentido De Vida Na Sociedade De Consumo. *Revista Logos & Existência: Revista Da Associação Brasileira De Logoterapia e Análise Existencial* 1(1), 72-78.
- Oliveira, C. H. C. (2016). Dossiê: Filosofia Contemporânea: reflexões sobre os dias atuais. *InterEspaço: Revista de geografia e interdisciplinaridade*, Grajaú/MA v. 2, n. 4 p. 210-213.
- Rodrigues, L. A., & Barros, L. A. (2009). Sobre o Fundador Da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e Sua Contribuição à Psicologia. *Estudos*, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 11-31.

Souza, W. M. L. (2012). Uma excursão pelo contemporâneo a partir do conceito de modernidade líquida de Zygmunt Bauman. Dissertação de Mestrado, Instituto de linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.